

CUIDADO COM A TERRA

A expressão “desenvolvimento sustentável” pode ser lida sob um prisma crítico que bem denuncia com nitidez nossas atitudes de seres humanos ocidentais: não estamos dispostos a renunciar às benesses que o progresso nos trouxe, traz e trará e, ao mesmo tempo, sentimos todos, mais do que nunca, a urgência de cuidar do planeta em que habitamos.

A população humana em vida sobre o Planeta Terra passou a casa dos sete bilhões. Além disso, muitos de nossos hábitos e costumes fazem que nos empenhemos a criar sistematicamente outros tantos bilhões de vertebrados para servirem prioritariamente de alimentos nossos. As simples funções e exigências orgânicas de todos esses seres vivos, por si só, já implicam em enorme impacto ambiental.

O ser humano, enquanto ser cultural, não se contenta apenas com os elementos oferecidos pela natureza. Ele utiliza e transforma todas as coisas que lhe aparecem pela frente. Essa transformação, porém, inclui a transformação do próprio ser humano. A história dos seres humanos faz-se de transformações e progressos em todas as latitudes do planeta. Porém, sabemos, tais transformações não acontecem somente na paz e tranquilidade. Na relação recíproca do ser humano com seus semelhantes, constata-se o lado silencioso e nocivo da presença humana no planeta: há a destruição. Tal destruição acontece aos poucos e isso reclama reflexão e ação sobre a presença humana na Terra.

Todas as discussões e iniciativas a respeito da ecologia e da sustentabilidade são encabeçadas por seres humanos. É bastante provável que a situação de destruição das reservas naturais do nosso planeta teria tido uma história bem pior se os grandes vertebrados comumente chamados por nós de dinossauros tivessem sobrevivido à chamada grande glaciação ocorrida no período mesozoico, ocorrido há milhões de anos. A preservação do planeta impõe-se como tarefa humana e caberá somente aos seres humanos realizá-la.

Em breve, a Cidade Maravilhosa sediará os grandes eventos da Cúpula dos Povos e da Conferência das Nações Unidas sobre o

Desenvolvimento Sustentável. Tais acontecimentos não de ser vistos como patente sinal de que a resposta para o problema da ecologia só pode ser dada pelos seres humanos. Mas tratam-se de respostas a serem dadas em nível pessoal, comunitário e societário; ou, em outras palavras, em nível local e global.

Nesse sentido, convém fazermos também menção ao VIII Simpósio Filosófico-Teológico da FAJE, a acontecer de 24 a 26 de outubro deste ano, cujo tema será “Que fazemos da terra que Deus nos confiou. Filosofia, Teologia e Consciência Planetária”. Inspirada pelas palavras de um dos salmos bíblicos, nossa instituição não se esquivou de pensar o tema da ecologia e da sustentabilidade em vista de um maior empenho de todos com essas questões. Enquanto pequeno ambiente universitário que possui somente as áreas da filosofia e teologia, a FAJE abre-se ao diálogo com outras áreas do conhecimento a partir do seu próprio lugar. Nesse sentido, não se pode desconectar o discurso sobre a ecologia do discurso sobre as populações pobres, as mais ameaçadas com a destruição silenciosa do planeta.

Hoje é politicamente correto ser “verde”. Basta pensar que não há partido político a não incluir em seus programas grande espaço para o problema ecológico. Pessoas e instituições têm mudado seus hábitos em vista de racionalizar mais o uso de objetos. É preciso, porém, ir à raiz da discussão: o porquê da existência do próprio ser humano. O Ocidente se tem caracterizado por se basear no muito conhecer. Mas talvez seja o caso de que a ciência e a tecnologia também se disponham a aprender de outros. Daí que a pergunta sobre a sustentabilidade do planeta pode ter respostas também em outros povos e racionalidades, que — aliás — têm comprovadamente feito isso melhor que os ocidentais. Nesse sentido, vale lembrar que o nome como o texto sagrado chama o primeiro ser humano — *adamah* — significa justamente que o ser humano é *da terra*. Tal pertença impõe a todos resposta efetiva sobre ao problema da preservação de nossa morada comum: o Planeta Terra.

Passemos, pois, a apresentar os artigos e demais textos de nossa revista neste novo número. Cabe um esclarecimento inicial a respeito da mudança quanto à apresentação dos artigos. Até nosso último número trazíamos a sequência dos artigos a começar pela seção *Philo*, ou seja, sempre começávamos com os artigos relacionados com nosso programa de pós-graduação em filosofia, depois apareciam os artigos da seção *Theo*, ou seja, os artigos relacionados com o nosso programa de pós-graduação em teologia. Por decisão do nosso conselho editorial, passamos a alternar essa sequência, com o intuito de indicar que não há uma prioridade entre tais seções.

O primeiro artigo deste nosso número intitula-se “Põe aqui o teu dedo...” A fé no corpo e suas marcas: uma reflexão entre arte e teologia”. Sua autora já é conhecida de nossos leitores, pois contamos com um texto seu em nosso último número. Neste novo texto, Valentina Stilo, que se graduou em teologia pela FAJE há pouco, nos brinda com um longo texto sobre o tema teológico do corpo. O motivo para sua discussão é uma análise aprofundada de um quadro de Caravaggio: *A Incredulidade de Tomé*.

O segundo artigo pertence também a um autor já conhecido de nossa revista e que é mestrando em teologia na FAJE: Moisés Nonato Quintela Ponte. Em seu texto há um diálogo com o historiador norte-americano Lynn White Jr., cujo artigo sobre a relação entre doutrina bíblica da criação e o tema da destruição do meio ambiente. O autor do artigo traz à tona a reflexão de Paul Ricoeur em vista de pensar o problema em termos de uma teologia do cuidado da natureza.

Nossa seção *Philo* abre-se com um artigo de Francisco Aluziê das Chagas Barbosa sob o título de “A definição da *politeia* mista e a aplicação do princípio da justa medida ao problema da organização política em Aristóteles”. O autor, mestre em filosofia pela FAJE (2011), aborda o tema da *politeia* mista em Aristóteles. Sua reflexão toma por base a *Ética Nicomaqueia* e a *Política*, relacionando o tema da *politeia* mista, assunto que tem a ver com o atual tema da democracia, e o princípio da mediania, tão caro à ética aristotélica.

Em seguida, temos o artigo de Bruno Luciano de Paiva Silva, mestre em filosofia pela FAJE (2011), sob o título “O Silêncio da Metafísica em Moritz Schlick e em Rudolf Carnap”. Trata-se de um texto cujo intento consiste em apresentar a crítica que Schlick e Carnap fazem ao discurso da metafísica.

O terceiro artigo da seção *Philo* é assinado por Vander Schulz Nöthling, professor no Seminário Diocesano Nossa Senhora das Dores, em Campanha, MG. Seu texto estabelece um diálogo entre Thomas Hobbes — mais precisamente quanto ao tema da representação jurídica, presente no capítulo XVI do *Leviatã* — e Hanna Fenichel Pitkin, que levanta questões ao texto hobbesiano.

Encerra os artigos da revista o texto de Maria Lourdes Nascimento sobre um livro recente que aborda a relação entre literatura e filosofia, mais precisamente entre Clarice Lispector e Søren Kierkegaard. Com ares de uma nota bibliográfica, o texto da mestranda em filosofia na FAJE reflete sobre o tema da transcendência presente no ser humano.

A seção *Expressões FAJE* traz uma crítica cinematográfica escrita pelo Prof. Dr. Paulo César Barros, do programa de pós-graduação em teologia. O texto, originalmente escrito para um cine-

fórum apresentado dentro da programação do VII Simpósio Filosófico-Teológico da FAJE, ocorrido no ano passado, traz uma visão crítica, a partir da teologia e da história do cristianismo, a respeito de um filme no qual tais temas estão presentes.

Nossa revista traz uma tradução para o Português do *Decreto de reforma dos estudos eclesiásticos de filosofia*, promulgado pela Sagrada Congregação para a Educação Católica e tornado público em março de 2011. Trata-se um documento vaticano que determina o aumento do tempo mínimo de estudos numa faculdade eclesiástica de filosofia para três anos e não mais dois. Todavia, o mais importante do documento é a afirmação de que não se pode fazer teologia, compreendida em termos de Igreja Católica, sem uma sólida base filosófica. Convém dizer que o documento vem, por assim dizer, ratificar o programa de filosofia da FAJE que, há 30 anos, já vem colocando em prática o que o documento estabelece agora como norma. Segue a tradução um comentário escrito por Tiago Zeni, mestrando em filosofia na FAJE, e por quem lhes escreve. Ambos tradutores. O conselho editorial de *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE* espera trazer esporadicamente outras traduções e comentários, especialmente feitos por membros dos nossos programas de pós-graduação.

Seja-nos permitido exprimir aqui nossos sinceros e cordiais agradecimentos a Maria Luiza Vianna Pessoa de Mendonça, mestre em filosofia pela FAJE (2012) que fez parte do conselho editorial de *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE* desde que a revista foi constituída em meados de 2010. Maria Luiza Mendonça participava de modo bastante ativo de nossas reuniões e muito contribuiu para a nossa empresa editorial. Aproveitamos o ensejo para dar as boas-vindas ao novo membro do conselho editorial: Marco Antônio Barros Guimarães, mestrando em filosofia na FAJE, que assumiu sua função neste primeiro semestre de 2012.

Boa leitura!

Delmar Cardoso
Editor